

# Restaurando a Missão de Israel às Nações

*por Gavriel Gefen*

Em Dezembro de 1999, treze líderes de congregações e ministérios reuniram-se na cidade bíblica de Jafa (Jope ou Yafo). Juntaram-se a fim de discutirem e orarem pela chamada de Israel para as nações. Nessa reunião foi fundada uma agência Israelita missionária chamada *Keren HaShlichut*.

O testemunho que se segue advém de uma jornada pessoal que conduziu ao estabelecimento deste ministério.

## *Hippies na Califórnia do Norte*

No início dos anos 1970 éramos hippies na Califórnia do Norte. Os meus pais eram parte de um movimento nacional de juventude Americana. Insurgiram-se contra o governo do Ocidente, o capitalismo, negócios corporativos, e contra a fé de mente fechada dos seus pais. A oposição à guerra do Vietnam foi o catalizador que juntou em unidade centenas de milhares de jovens contra a sociedade, comunidades e até mesmo contra as famílias onde haviam crescido.

Apesar de a maioria destes jovens serem oriundos de lares Cristãos, muitos eram também de lares Judaicos. Rejeitando as normas culturais com as quais tinham crescido, estes jovens hippies foram além dos limites em perseguição da verdade. Ansiavam encontrar o seu propósito e a razão no mundo. Quando percorriam na sua busca, exploraram e experimentaram e diferentes fés e filosofias.

Muitos hippies eventualmente abraçaram os dois extremos das religiões mundiais. Um extremo é particularmente a forma Americana do Budismo Zen que ensina que não há Deus. O outro extremo é a filosofia Hindu que acolhe todas as fés como diferentes razões para o mesmo fim. Cada religião é vista como um caminho diferente para a mesma verdade, tendo como resultado uma crença básica de que todos os deuses são verdadeiros. O fim de ambos os extremos é o mesmo “eu sou deus”. Se não há Deus, então eu sou deus do meu próprio mundo. Se todos os deuses são verdadeiros, então eu também posso ser um deus.

Como família, vivemos numa comuna nas Montanhas de Santa Cruz, abaixo de Palo Alto, na Califórnia. A comuna consistia basicamente de um punhado de hippies sobrevivendo num imenso rancho abandonado. Cada um construiu cabanas e habitações na floresta. No verão, dormíamos muitas vezes ao relento. No primeiro inverno vivemos numa cabana. No segundo ano vivemos numa construção geodisica arqueada coberta com plástico transparente. Era como uma bolha na floresta sem electricidade ou água corrente.

*Gavriel Gefen é o líder da Congregação Hasdei HaShem, uma congregação Judaica em Jerusalém, Israel. É igualmente o Director e fundador da Keren HaShlichut, uma agência missionária Israelita. Gavriel tem ministrado em mais de 40 países..*

*Restaurando a Missão de Israel às Nações*

## *Jornal Internacional de Fronteira de Missões*

A ideia que sustenta este estilo de vida rejeitava a sociedade moderna e retornava à terra. De facto, a comuna era chamada *A Terra*. Foi uma tentativa por parte de alguns de criar uma utopia onde o amor fluia livremente, todos viveriam em paz e harmonia uns com os outros e com o planeta terra.

Apesar de isto, e talvez por causa disto, a vida na comuna era difícil para as crianças. Não éramos muitos e provavelmente eu era o mais velho. Muitas vezes, pais mais jovens desapareciam logo após o nascimento dos filhos. Como as mães se preocupavam com as necessidades dos seus filhos, a atitude dos que as rodeavam era “aguenta irmã, não te pendures em mim. És uma verdadeira derrotada.” Para dizer o menos, as crianças não eram a preocupação central da comunidade.

Eu tinha uma disfunção auditiva. As pessoas tinham que me olhar na cara e falar alto para que eu as compreendesse. Eu preferia estar só e isolava-me muito. Meditar era-me apelativo e assim abracei o Budismo Zen.

Na primavera de 1973, tudo mudou. Os membros da comunidade de repente vieram à fé em Jesus. Numa rápida sucessão, a minha mãe, o meu pai, e muitos dos nossos amigos hippies mais chegados vieram todos à fé. As coisas mudaram completamente, como do dia para a noite. A vida tornou-se centrada na família e dirigida às crianças. Saímos da comuna e os meus pais casaram.

Frequentando a Igreja, comecei a aprender histórias bíblicas do Senhor curando as pessoas. Bem, eu queria ser curado do meu problema de audição e pedi que orassem por mim. Os anciãos da Igreja vieram para orarem por mim e obtive rápidas melhoras. Com o decorrer dos anos ganhei uma total audição.

A vida era maravilhosa. Através da nossa nova fé tudo foi transformado, incluindo a minha audição. Com a idade de sete, comprometi-me a servir a Deus e à Sua Palavra revelada.

Há cerca de 100 anos atrás, houve tentativas para se criar um movimento de Judeus crentes em Jesus. Contudo, nenhum desses esforços resultaram a não ser em congregações individuais e isoladas. No final dos anos 1960's e princípios de 70's, muitos jovens Judeus americanos vieram à fé e foi então quando surgiu a massa crítica necessária para estabelecer viáveis comunidades de Judeus seguidores de Jesus. A maioria dos Judeus crentes juntaram-se a Igrejas tradicionais. Ao longo dos anos, muitos de nós regressámos lentamente às tradições bíblico-Judaicas da nossa herança, e desafiámos outros a fazerem o mesmo. Por isto, surgiu o moderno movimento Judaico-Messiânico.

### *Agricultores em Round Valley*

Um ano e meio depois de termos vindo à fé, mudámo-nos mais para norte, para Round Valley na Califórnia, uma pequena montanha e um vale no Condado de Mendocino. Era uma área rural, escassamente povoada por ranchos de gado e nativos americanos de sete diferentes tribos. Foi alí que crescemos na nossa fé como família e começámos a nos envolvermos no ministério.

Juntámo-nos a uma pequena Igreja local onde o meu pai se tornou ancião. Havia outras duas famílias Judias que vieram à fé e se juntaram a nós na Igreja.

Em poucos anos fomos de uma situação em que tínhamos a roupa do corpo para outra onde tínhamos três prosperos negócios. Tínhamos uma propriedade de 60 Km<sup>2</sup> de maçãs orgânicas, das quais fazíamos sumo e vendíamos no comércio de produtos dietéticos, uma colmeia de 300 abelhas e um negócio de construção civil. Chamámos à propriedade Comeia Maçã Florescida.

Cada primavera mudávamos as nossas abelhas para o Central Valley a sul para polenizar as amendoeiras. Era longe de onde vivíamos e andar para lá e para cá para verificar as colmeias era cansativo. Um piloto privado da região sugeriu que o meu pai aprendesse a pilotar para que pudéssemos voar e verificar as suas comeias. Tomou lições adquiriu a sua licença de piloto e comprou um avião de quatro lugares (um Cessna 182).

A pequena igreja onde estávamos era originalmente uma igreja missionária suportada financeiramente pelo exterior. Enquanto alí estivemos, algumas famílias começaram a prosperar e a igreja tornou-se auto-suficiente.

Os meus pais passaram a demonstrar interesse em missões mundiais e convenceram a direcção da igreja a financiar missionários no mundo. À minha mãe foi-lhe dada a responsabilidade de coordenar esta tarefa e nós começámos a receber literatura promocional, cartas de notícias, livros de numerosas agências missionárias. As missões que começámos a suportar foram Tradutores da Bíblia Wycliffe, Aviadores da Selva e Serviço de Rádio associados à Wycliffe e Missão da Comunidade da Aviação.

Na nossa igreja recebemos um número destes missionários onde nos falavam do seu trabalho. Um deles era um tradutor da Bíblia que trabalhava na América do Sul. Após a sua visita, o meu pai levou-a de avião ao sul da Califórnia para participar num seminário no Centro de Missões Mundiais dos EU em Pasadena. O meu pai foi convidado para se sentar no seminário e voltou para casa dias depois com muitas de notas. Ele tinha um novo entendimento e empolgação acerca de missões mundiais. Nas semanas seguintes, ele recorria aos seus apontamentos para muitas vezes partilhar as notas e histórias com amigos. Todos os nossos convidados ao jantar ouviam sobre este assunto.

O crescente interesse do meu pai em missões mundiais alcançou o ponto em que finalmente chegou à decisão em que nós ou expandíamos o negócio e faríamos mais dinheiro para podermos suportar mais missionários ou tínhamos que vender tudo e irmos nós para o campo. No final, vendemos a propriedade e mudámo-nos para Longview, no Texas onde os meus pais fizeram três anos de treinamento para o ministério.

### *Treinamento para Missões*

No Texas, o meu pai estudou aviação tecnológica na Escola Le Tourneau, uma escola Cristã de ensino técnico com um extenso programa de aviação. Recebeu as principais avaliações de

aviação e tornou-se instrutor da A & P Aviação Mecânica. A minha mãe estudou enfermagem na Escola Kilgore.

O plano era que fôssemos enviados para a Amazônia ou para a África Central. O meu pai seria um piloto florestal, a minha mãe enfermeira e nós entraríamos e sairíamos das remotas vilas tribais. No entanto haviam duas coisas básicas que aconteceram durante os anos de treino e que mudaram tudo.

Uma dessas coisas foi a alteração da nossa perspectiva sobre missões ocidentais. Muitos pilotos missionários visitaram a escola do meu pai. Muitas vezes junto a eles perguntávamos acerca do trabalho de um piloto missionário. Perguntávamos: “Então como é estar lá em cima, voar a vilas tribais para entregar o Evangelho?” Inevitavelmente, as suas respostas eram do género: “Bem, eu não prego o Evangelho. Eu sou piloto. Eu transporto aquele que leva o Evangelho.” Então o meu pai responderia: “Certamente, mas você vive ali, então deve ter oportunidades para a sua fé numa base diária.” E eles diriam: “Não, sou um piloto, e quando não estou a voar de avião, estou no hangar a trabalhar.” E o meu pai diria: “Bem, mas você vive ali entre o povo, então faz parte da igreja indígena local. Como é?” e eles responderiam: “Não, nós temos a nossa própria igreja na área.”

Acrescendo a isto estava a questão de quanto dinheiro precisávamos de levantar como suporte mensal de forma a sermos enviados por uma agência missionária. Lembrem-se, anteriormente tínhamos sido hippies, desterrados. Então o meu pai esperava viver de forma similar em relação ao povo para onde iríamos. Ele previa que se fôssemos para uma região onde as pessoas viviam com uma base diária de 20 ou 30 dólares mensais por família, então ele não tinha necessidade de milhares de dólares por mês. Ele tinha já o seu próprio avião, sabia como repará-lo, e sabia quando custava o combustível. Planeava viver entre os locais e viver como eles. Tendo um estilo de vida completamente diferente, distanciá-lo-ia do povo que ele desejava alcançar. Parecia-nos que cada vez mais as missões ocidentais muitas vezes alienavam o Evangelho do povo a quem desejavam entregá-lo.

A segunda coisa que ocorreu durante aqueles anos de treinamento foi o desenvolvimento de um novo entendimento sobre Israel. Todos estudávamos a Bíblia intensamente. O meu pai tinha aulas de teologia, Bíblia e ministério. Eu também lia muito a Bíblia. Costumava vir da escola para casa todos os dias e gastava três horas estudando vinte e cinco capítulos da Bíblia. Estava-me a convencer da minha chamada pessoal na minha para o ministério que me envolveria a ir a muitas nações e cria que a melhor coisa que eu podia fazer era preparar-me para tal, tornando-me familiar com as Escrituras. Enquanto líamos, víamos crescentemente a abundância de passagens proféticas relacionadas com Israel e com o povo Judeu que ainda não haviam sido cumpridas. Mais tarde, parecia-nos que muitas destas coisas estavam a começar a acontecer. Começámo-nos a aperceber que, sendo nós Judeus, estes eventos nos incluíam.

Estas duas alterações básicas, na nossa perspectiva, conduziram a uma mudança nos nossos planos. Após ter completado este treino, o meu pai decidiu que não iríamos para a Europa como missionários, mas iríamos emigrar antes para Israel. Telefonou a um velho amigo na

Califórnia para lhe contar a novidade. Explicou que iríamos para Israel como imigrantes e não tínhamos a menor ideia do que estava à nossa frente.

Este amigo ficou entristecido com a notícia e disse: “Não posso aceitar. Vocês estavam tão convencidos que tinham uma chamada para missões que gastaram os últimos três anos treinando para tal. Não creio que seja certo desistirem. Creio que vocês têm mesmo uma chamada.” O meu pai deu-lhe uma resposta espontânea e perguntou-lhe algo sobre o qual ele nunca havia pensado: “Se na verdade somos chamados para missões, então seremos enviados a partir de Israel.”

### *Imigrantes para Israel*

Em 1983 imigramos para Israel. À nossa chegada, o governo colocou-nos num centro de absorção de imigrantes em Tiberíades, no Mar da Galileia. Dentro de alguns dias fomos integrados numa classe de língua Hebraica que consistia numa mistura de imigrantes de todo o mundo. Havia uma família da União Soviética, uma da Hungria, uma da França, uma mulher da Roménia, um homem do Uruguai, alguns jovens da Etiópia e a nossa família dos E.U.. Todos viemos de diferentes países e falávamos línguas diferentes, nenhum de nós conhecia as respectivas línguas de cada um. Éramos todos estranhos na terra, contudo ela é a terra dos nossos antepassados. Todos estávamos a prender uma nova língua, contudo a nossa antiga língua. Éramos estranhos, mas ainda assim família, vindo de culturas diferentes e como uma tradição comum.

Antes de termos imigrado, tínhamos conhecido um casal de crentes que vivia em Tiberíades, e eles deram-nos as boas-vindas na comunidade local Judia Messiânica. Nos dias da nossa chegada, levantou-se uma onda de perseguição. Em poucas semanas as nossas reuniões foram violentamente atacadas. Por fim, o nosso local de reuniões foi incendiado e começámos a reunir na floresta local. Aqueles dias passados na floresta foram muito frutíferos para a congregação. Trouxe todos a uma maior unidade, fortalecendo-nos na amizade e na fé.

Quando ainda era menino, na Califórnia, já tinha entregue a minha vida para o ministério a tempo integral. Depois, como adolescente no Texas, comecei a reconhecer a chamada na minha vida que envolvia o ir a muitas nações. Logo depois de ter chegado a Israel como imigrante, verifiquei que não existiam missões a partir de Israel para as nações. Parecia-me que se tivéssemos que permanecer em Israel por termos esta chamada para missões, não havia ali ninguém que me enviasse.

Durante muitos anos, muitos Judeus Messianicos viajavam para fora em ministério desde Israel para as nações, mas havia duas dinâmicas básicas que faltavam. Primeiramente, muito poucos eram enviados. Não havia um processo de envio e havia uma falta de prestação de contas neste relacionamento. Isto quer dizer que muitos dos que iam não prestavam relatório aos líderes. Significava que a maioria dos líderes de congregações em Israel não prestavam contas como líderes aonde eram enviados. De facto, quando os líderes congregacionais viajavam por sua conta, normalmente nada tinha a haver com as suas congregações. Normalmente faziam-no por

motivos pessoais. Íamos a uma reunião de Shabbat (Sábado) e o líder não estava. Se perguntássemos a um dos anciãos onde estava o líder nem ele próprio sabia dar uma resposta segura.

A segunda dinâmica em falta era uma com propósito. Os que iam não iam para serem uma bênção, mas iam em busca da bênção. Muitos dos que iam faziam-no com o propósito exclusivo de convencerem as nações a abençoarem-nos – a abençoarem Israel, a abençoarem o povo Judeu, a trazerem os Judeus de volta a Israel, a evangelizarem os Judeus, a darem dinheiro para Israel, para os Judeus Messiânicos, etc.; às nossas congregações não lhes era passado um coração e uma visão para as nações.

A seu tempo, a nossa família de facto passou a envolver-se no ministério em Israel. Mudei-me para Israel e trabalhei com Judeus imigrantes da Etiópia, ajudando-os a virem para Israel e a estabelecerem-se aqui. Éramos um número de Judeus Messiânicos entre os Etíopes e eu ajudei-os a estabelecer seis grupos familiares em língua Amáric, um em cada área do país. O meu pai, por alguns anos ministrou em vilas Árabes na Galileia. Estava também muito envolvido na principal congregação em Tiberíades e muitas vezes ensinou alí no Shabbat.

Eventualmente comecei de vez em quando a sair para as nações em viagens de ministério. O meu pai e a minha mãe passaram a viajar também, mas saíam por períodos mais longos. Foram à Índia, China e a África. Muitas destas vezes viajaram pagando as suas próprias despesas com dinheiro que haviam economizado quando trabalhavam secularmente. Finalmente serviram no Ruanda por um ano, onde o meu pai foi director da Alimento para os Famintos.

Como alguns de nós viajavamos para fora, não havia muito interesse por parte dos crentes Israelitas o suporte e oração necessários. Lembro-me de uma vez quando o meu pai estava numa das suas viagens, encontrando-se com um amigo chegado, este bateu-lhe nas costas e disse: “Oraremos por ti, para que Deus te dê um coração pelo teu próprio povo.”

Logo após ter regressado do Ruanda, o meu pai recebeu um convite para a zona dos Grandes Lagos para falar numa reunião de crentes tribais na parte ocidental da República Democrática do Congo (ex-Zaire). Ele mencionou este convite a alguns outros crentes em Israel e estes expressaram interesse em ouvirem mais sobre o assunto. Quando falou a outros quantos amigos, o interesse foi maior que no encontro anterior.

### *Uma Semente Plantada*

Alguns meses depois o meu pai viajou juntamente com um outro irmão Israelita e os crentes em todo o Israel oravam por eles. As despesas do meu pai foram pagas por uma senhora idosa na sua congregação que lhe deu o seu último dinheiro. Saiu como Israelita, com passaporte Israelita, sem qualquer ligação a qualquer igreja ou organização exterior a Israel. Antes de partir falou-nos ao telefone e estava muito empolgado.

O meu pai e o Boás, o outro Israelita, foram primeiramente ao Ruanda por alguns dias. Depois foram para Bukavu, no sul da província do Kivu na República Democrática do Congo, onde se

encontraram com um grupo de pastores seniores e líderes de ministérios da região. Tomaram um avião charter bi-motor e voaram juntos para as montanhas onde era suposto terem a reunião. Voaram para Minembwe, uma pequena vila nas altas montanhas com umas poucas palhotas de colmo e uma suja pista. Não havia ruas de acesso; para se lá chegar só era possível voando.

Recebemos uma chamada de comunicando que o avião onde seguia o meu pai se tinha despenhado. Disseram-nos que era uma região isolada, sem comunicação e que desconheciam outros detalhes. Horas mais tarde, uma outra chamada confirmou que todos haviam morrido. A minha mãe, o meu irmão Isaque e eu voámos para lá imediatamente. Voámos para o Ruanda e depois num avião das Nações Unidas voámos para Bukavu. Em Bukavu fomos recebidos no aeroporto pelo governador da região e por um piloto local com um pequeno avião. Juntos voámos para as montanhas, para Minembwe.

Fomos levados de imediato para o local do despenhamento. Foi junto ao sopé de uma montanha junto à pista. Tudo ainda permanecia no chão, como no momento do acidente. O Isaque levou a minha mãe para longe do local e eu comecei a examinar os pertences dos passageiros, tentando identificar o meu pai e o Boás.

Após uma ou duas horas de examinar o local, um jovem aproximou-se de mim e disse que pessoas estavam vindo. O povo que era suposto originalmente estar no local onde o meu pai iria falar vieram ao local do acidente. Fui ter com a minha mãe e o Isaque e voltámos para receber o povo.

Minutos depois podíamos ouvir cânticos à distância. Alguns minutos depois, de um dos lados da montanha milhares começaram a aproximar-se. Minutos depois, vindo do lado oposto, vinham milhares de mulheres e crianças. Vieram e ficaram ao nosso redor no local do acidente. Os corpos da maioria dos seus pastores senior e líderes de ministério estavam no local à nossa frente. Ainda assim o povo só adorava. Não havia instrumentos, nem sistema de som, nem líder de louvor... mas milhares de pessoas, cantando cântico após cântico. Não tenho palavras para expressar...!

Enquanto o povo adorava, as minhas lágrimas de dor transformaram-se em lágrimas de alegria. Comecei a reconhecer a progressão dos acontecimentos na vida do meu pai. Cada ministério da chamada da sua vida encaminhavam-se para aquele momento – a chamada para o ministério, para a missão, o retorno a Israel, o ser enviado de Israel para as nações. O povo e o local não poderiam ter sido mais perfeito sobre a aquele momento ali vivido – tropical, tribal, isolado, não desenvolvido. Tudo aquilo para o qual ele havia trabalhado. E no momento em que ali chegou morreu com outros 18 pastores. Havia partido e ainda assim alcançou o fim da semente. A sua vida tornou-se numa semente da restauração da chamada que Israel tem para as nações.

Uma semana mais tarde estávamos de volta a Israel. Enquanto desfazia a minha mala, peguei num jornal que tinha apanhado em Nairobi enquanto trocávamos de avião. Olhando de relance, notei que a notícia de primeira página dizia respeito aos dias de luto sofridos após a morte da

princesa Diana. A página seguinte cobria a notícia do funeral da Madre Teresa. A terceira página tinha um artigo sobre a morte de Mobutu Sese Seko, o deposto líder do Zaire, onde o acidente tinha ocorrido. A página seguinte tinha um artigo sobre o despenhamento do avião do meu pai. Coloquei o jornal embaixo e o meu primeiro pensamento foi: “Setembro de 1997 é um mês de mortes.” Depois apercebi-me: “Não, Setembro de 1997 é um mês de nova vida e algo novo vai brotar de tudo isto.”

Em 1985, dois anos após termos chegado a Israel como imigrante, comecei a aperceber-me que havia uma chamada sobre a minha vida para erguer uma visão em Israel entre os crentes acerca da chamada do nosso povo para as nações. Guardei no meu coração e orei sobre isto, mas nada contei a ninguém. Em 1989, depois de ter-me casado com a minha esposa Sofia, compartilhei com ela. Juntos temos carregado esta visão por muitos anos e nunca a divulgámos. Sabíamos ambos que não estávamos prontos e sabíamos que as congregações em Israel não estavam prontas. Percebi que assim seria até atingirmos os nossos trinta ou quarenta anos antes que pudessemos trabalhá-la.

Nos meses seguintes à morte do meu pai, a Sofia e eu sabíamos que o tempo tinha chegado. Comecei a viajar por Israel e a falar em privado uma a uma, em cada congregação e aos líderes de ministério sobre o que eu cria ser a chamada de Israel. O que com eles partilhei resume-se nos pensamentos seguintes:

### *A Chamada de Israel*

Em Genesis 12, o Deus da Criação fez aliança com Abraão e prometeu-lhe que todas as famílias da terra seriam abençoadas pela sua semente. Depois Deus reafirmou esta aliança com Isaque, filho de Abraão, Isaque tornou-se filho desta aliança e da promessa. Depois reafirmou-a e fê-la com Jacó, filho de Isaque. Jacó tornou-se Israel e os filhos de Israel herdaram esta aliança com as suas promessas.

Em Exodo 19:6, o Senhor disse a Moisés que Israel é chamado para ser um reino de sacerdotes. Em Isaías 2:3, é-nos dito que o ensino sairá de Sião e a Palavra de Deus sairá de Jerusalém. Mais tarde, em Isaías 49:6, é-nos dito que Israel é chamada a ser luz às nações. Esta passagem é uma profecia Messiânica, e alguns versos anteriores parece-nos que se refere a Israel individualmente. Poderá ser interpretado que o próprio Messias será a luz, e que Israel brilhará essa luz às nações. Em Actos 13:46-47, quando Paulo e Barnabé anunciaram que iriam aos Gentios, eles mencionaram esta passagem como evidência de que foram chamados às nações.

Israel, tem ambas as chamadas: profética e sacerdotal. A chamada profética é dada por Deus para falar em Seu favor ao povo. Ele permanece entre o homem e Deus, como representante de Deus, falando as palavras de Deus ao povo. Um sacerdote fica entre Deus e o homem, fala as palavras do homem a Deus. Ele fica diante de Deus como representante do povo, falando a sua confissão a Ele. Hebreus 3:1 afirma que Jesus é o Sumo-Sacerdote da nossa confissão. Ele fala a nossa confissão ao Pai. Sendo ambos, a Palavra Viva e nosso Sacerdote, Ele é o único mediador entre Deus e o homem (I Tim. 2:5). Ele fala-nos a Palavra de Deus e fala a Deus as nossas palavras.



Quando um sacerdote permanece perante Deus no ofício do seu ministério, ele não o faz por si mesmo, mas em favor dos que no seu lugar se coloca. Então, se Israel como nação é chamada para ser um reino de sacerdotes, então não o fará por si mesma. Em vez disso, ela é uma nação diante de Deus em favor das nações, intercedendo por misericórdia.

Todas estas chamadas - de ser uma bênção, uma luz, um reino de sacerdotes, e o levar da Palavra às nações - foram herdadas por qualquer verdadeiro crente, Judeu ou Gentio. Aqueles que nas nações herdaram estas chamadas são enxertados e adoptados na comunidade de Israel. Ainda, permanece o facto de que cada uma destas chamadas foram originalmente entregues à semente física de Israel.

Mesmo a chamada da Grande Comissão foi originalmente entregue ao povo de Israel. Quando Jesus, no Monte das Oliveiras ordenou aos Seus discípulos para irem pregar o Evangelho a toda a criatura e fizessem discípulos de todas as nações, Ele falava a Judeus Messiânicos em Jerusalém. Claro que esta chamada é partilhada por cada verdadeiro crente, Judeu ou não. Ainda assim, ela foi igualmente entregue à semente física de Israel.

Em Apoc. 7:9-10, vemos que um dia haverá pessoas de todas as nações, povos, linguas e tribos diante do trono adorando. Por mais de 2000 anos que esta mensagem tem sido proclamada aos confins da terra. Ainda assim há ainda uns milhares de grupos tribais que nunca receberam a Palavra do Senhor. No nível em que as Escrituras têm sido ensinadas e pregadas nas nações hoje, estes últimos povos serão alcançados nos próximos 30 anos.

Vivemos em dias em que o Senhor está a restaurar a nação de Israel. Nos últimos 100 anos, o mundo tem testemunhado começos milagrosos da restauração de Israel, enquanto que o Senhor começa também a restaurar o povo de Israel fisicamente à sua Terra. Mais recentemente, de há trinta anos para cá, temos testemunhado que o Senhor está a restaurar o povo de forma espiritual, a Si mesmo. Restaurando Deus Israel às suas alianças consigo, ela vai sendo restaurada à sua chamada e responsabilidades contidas nessas alianças.

Eu creio que parte de cada propósito da restauração de Israel é que haverá um tempo na história em que Israel tomará parte integrante e completará a tarefa que lhe foi originalmente dada. Assim como o Evangelho saiu primariamente de Israel para as primeiras nações, da mesma maneira o Evangelho sairá também de Israel para as últimos povos a alcançar. Quando o último grupo finalmente receber as Boas Novas, os Judeus Messianicos Israelitas encontrar-se-ão entre esses que os alcançarem como cumprimento da Grande Comissão que prefaz um círculo completo.

O povo de Israel foi escolhido por Deus como um povo para servi-Lo e adorá-Lo. Fomos espalhados entre as nações com o propósito de sermos luz às nações, para que por nós fossem abençoados. Da mesma forma, a Terra de Israel foi escolhida como um lugar onde o Senhor seria servido e adorado. Esta Terra foi separada na terra como um lugar do qual sairia luz para as nações e de onde saísse a Palavra de Deus e onde as nações encontrariam bênção.

O nosso povo foi escolhido para um propósito e uma função; sermos servos do Senhor e Seus mensageiros às nações. Fomos escolhidos como nação para sermos exemplo perante outras nações e tornarmo-nos um modelo que elas viessem a seguir. Esta escolha não foi ganha nem foi com vista a excluir as nações. Não que fossemos mais santos, melhores ou mais justos.

Há quatro direcções primárias como pontos cardiais: norte, sul, este, oeste. A direcção do norte não tem valor intrínseco nenhum do que o valor da direcção em si. A unicidade do norte na sua escolha é apenas uma direcção de onde é possível as outras direcções se apoiarem; assim é com Israel. O lidar de Deus com as nações passa como ponto de partida do lidar de Deus com Israel.

Então, porque o Senhor está a trazer-nos de volta a Israel? É simplesmente para nos juntar num lugar a Si mesmo e ponto final? Será que este fim resultará em Ele derramar sobre nós as Suas bênçãos e nós ficarmos aqui em Sião em boa vida e gordos de beçãos? Não, ele está a trazer-nos de volta a casa para o bem das nações. O nosso Deus nos abençoará para que nós possamos abençoar outros. Finalmente Ele restabelecerá esta Terra e este povo como canais de bênçãos. Ele abençoará as nações através de nós.

### *Restaurando as Missões*

Quando viajei pelo país e partilhei esta visão, muitos líderes de ministério rejeitam-na de imediato. Alguns rejeitam-na no seu principio. Outros aceitam a visão básica, mas sentem que está ainda muito distante no futuro para nos preocuparmos em fazermos algo sobre o assunto. De todos, somente dois líderes abraçaram esta visão, pois já haviam carregado visões similares no seu coração. A maioria dos líderes deram respostas que merecem os seguintes comentários:

**Irmão, o que estás a dizer? É suposto que as nações nos abençoem a nós. O Senhor não está a enviar o povo para fora de Israel. Ele está a trazer-nos de volta. Agora é tempo de retornarmos e não de sairmos. Precisamos de alcançar o nosso próprio povo com o Evangelho. As necessidades quer físicas, quer espirituais neste país são tão grandes que não podemos dar aos outros países. Somos ainda um jovem e fraco movimento de crentes lutando com as nossas causas. Temos problemas de sobra aqui para podermos estar capacitados a abençoar os outros nos seus problemas. Sim, é suposto abençoarmos as nações. Mas veja, elas não podem ser abençoadas a menos que nos abençoem. Então, a forma de as abençoarmos é ajudando-as a compreenderem que não podem ser abençoadas a menos que nos abençoem.**

A minha resposta a estes comentários foi que não podemos não dar. Parte do processo de chegarmos à maturidade é aprendermos a dar. Se não formos fieis no pouco, não seremos fieis no muito. Sim, as necessidades na Terra são grandes, mas as necessidades da maioria das pessoas nos outros países são ainda maiores. Apesar de as nossas necessidades em Israel continuarem a ser grandes, há muito ainda para partilhar com os outros. Mais importante ainda, a escolha que recaiu sobre o nosso povo é exactamente para esse propósito. A Bíblia está repleta de referências a estas chamadas e temos que parar de fugir delas.

Esperei alguns meses e voltei a aproximar-me destes líderes de novo. Perguntei: “Já pensaste mais no assunto? Oraste sobre o assunto? Tiraste algum tempo para examinar as Escrituras que

lemos?” Esperei alguns meses e voltei a eles. Esperei mais outros meses e voltei de novo. Devagar, um após outro, líderes diferentes começaram a responder positivamente e com uma nova perspectiva. O número de pessoas que se ia abrindo para a ideia começou a crescer, apercebi-me que apesar virem ter comigo e partilharem já desta ideia, não o faziam uns com os outros. Finalmente convidei um número de líderes abertos à ideia para um dia de discussão e oração sobre a chamada de Israel às nações. Convidei-os a estarem na cidade velha de Jafa (Joe ou Yafo), durante a festa de Chanukah em Dezembro de 1999.

Jafa é a cidade de onde o profeta Jonas fugiu da sua chamada à cidade de Nínive. Como profeta Judeu, foi chamado por Deus para levar uma mensagem de arrependimento e redenção a um povo Gentio. Claro que isto aconteceu antes de Jesus ter vivido na terra e antes de ter sido dada a Nova Aliança. Jafa é também a cidade de onde o emissário (apóstolo) Pedro teve a visão do lençol que vinha com animais ímpuros (Actos 10:9-16). Nesta visão foi-lhe dito três vezes para se levantar, matar, comer, mas parece que nunca o fez. Através da visão e dos acontecimentos que se seguiram, Pedro veio a entender que o Senhor o chamava a casa de um gentio, Cornélio, e de que ele não deveria de chamar a nenhum homem ímpuro (Actos 10:28). Como Judeu, não teria sido permitido a Pedro nem sequer beber um copo de água com Cornélio. Esta questão não seria que tipo de comida Cornélio teria para servir aos seus convidados, mas como gentio, Cornélio era visto como ímpuro. O testemunho da visão de Pedro e os acontecimentos que se seguiram levou outros em Jerusalém a glorificarem a Deus e a dizerem: “... na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida.” – Actos 11:18

Estes acontecimentos deu à velha cidade de Jafa uma ligação histórica com a chamada de Israel às nações. Crê-se que Jafa é o porto mais antigo no mundo que se mantém operacional. Assim sendo, tem sido um maior ponto de partida do nosso povo às nações. É interessante verificar que mesmo hoje a rota dos vôos comerciais das linhas áreas Israelitas se fazem com entrada directa a Jafa.

Naquele dia reunimo-nos em Jafa um grupo de treze líderes Israelitas de congregações e ministérios para discutirmos e orarmos juntos sobre missões de Israel para as nações. Éramos de cidades diferentes e de diferentes congregações, tendo diferentes expressões de ministério e diferentes pontos doutrinários. Mas, quando buscámos juntos o Senhor sobre este assunto, houve um forte sentimento de unidade e concordância na sala; à medida que cada pessoa comentava, somente acrescentava e fortalecia o que o outro havia dito. Cinco horas depois terminámos a reunião porque havia líderes que tinham que sair para outros compromissos, mas sabíamos que não estávamos concluídos. Nem sequer havíamos ainda começado. Nos dias seguintes contactei cinco dos homens e perguntei-lhes se poderiam continuar a reunir-se comigo numa base regular. Todos eles concordaram e na vez seguinte em que nos encontramos fundámos a Keren HaShlichut, uma agência missionária Israelita.

Nos últimos três anos, emissários associados com a Keren HaShlichut, já serviram em mais de 20 países por ano. Foram missões de curta duração em poucas semanas. No ano passado, foram enviados emissários por períodos de tempo mais longos. Duas mulheres acabaram de regressar a casa e estiveram cinco meses em Burkina Faso, África Oriental. Foram ministrar aos sem abrigo, crianças muçulmanas que vivem nas ruas. Há uma família com quatro crianças que presentemente está a servir por nove meses na Turquia, onde ministram a Palavra de Deus a refugiados muçulmanos Kurdos. Em ambos os casos são Judeus Israelitas crentes que foram enviados a países muçulmanos com o Evangelho.

A Keren HaShlichut é uma associação Israelita de emissários Judeus Messiânicos que levam a mensagem de salvação aos Gentios. O nosso alvo é ver Israelitas partilharem e levarem a Palavra do Senhor às últimas tribos e grupos linguísticos - para que possamos ajudar a completar a tarefa que originalmente foi dada ao nosso povo.

Se a nossa queda provocou salvação às nações, quanto mais não o fará a nossa plenitude? Se o nosso Yeshua (Jesus) rejeitado, tem sido a reconciliação do mundo, quando O aceitamos o que será a não ser vida dentre os mortos? (Romanos 11:11-12; 11:15) De facto a salvação de Israel trará a plenitude da redenção de Deus às nações.



Gavriel Gefen

Nota: Damos as boas-vindas à interacção consigo. O nosso endereço é:

Keren HaShlichut

P.O. Box 1833

Jerusalem, 91017

ISRAEL

Telefone: +972-2-5671951

Fax: +972-2-5617536

E-mail: [gavriel@shlichut.com](mailto:gavriel@shlichut.com)

Website: [www.shlichut.com](http://www.shlichut.com)

- This article was originally published in English by the U.S. Center for World Mission in the July-September 2004 issue of the International Journal of Frontier Missions. It can be found on the internet at: <http://www.shlichut.com>

or:

[http://www.ijfm.org/PDFs\\_IJFM/21\\_3\\_PDFs/103\\_Gefen.pdf](http://www.ijfm.org/PDFs_IJFM/21_3_PDFs/103_Gefen.pdf)